

PAGU, UMA ABORDAGEM POLÍTICA.

UM ENCONTRO NO URUGUAI...

“ 1930, Montevidéu ... no dia seguinte à nossa chegada fomos procurados por um homem de aparência medíocre. Eu estava só e quase despedi o nosso visitante, que era Luís Carlos Prestes. Conversamos por 3 dias e 3 noites, num cafezinho fechado e deserto ... E fiquei conhecendo a grandiosidade de uma coisa até então desconhecida para mim, o espírito de sacrifício. Prestes mostrou-me concretamente a abnegação, a pureza de uma convicção. Fez-me ciente da verdade revolucionária e acenou-me com a fé nova ... Tive de Prestes uma impressão magnífica e foi essa impressão, que em grande parte me jogou na vida política. A personalidade pitoresca, a celebridade romântica; o revolucionário épico, nada disso apareceu ou sequer lembrei. Vi, nessa ocasião, o comunista convicto das suas argumentações, com a força da certeza e, principalmente, coerente com a luta a que se entregara. Um comunista honestamente comunista, um comunista como eu queria ser ...”

Pagu, Autobiografia Precoce, Cia das Letras, páginas 41/42.

Patrícia Kehder Galvão, ou Patsy, Zazá, Mars Lobo, Paula, G Léa, Peste, Gim, Ariel, Leonnie, PT ..., K. B., Luda, King, Shelker, mas o pseudônimo preferido era Pagu. E quem o colocou foi o poeta Raul Bopp, que confundiu “ Galvão “ com “ Goulart ” colocando o epíteto Pagu no poema “ Coco de Pagu “:

Pagu tem uns olhos moles

Uns olhos de fazer doer.

Bate coco quando passa.

Coração pega a bater.

Eh Pagu eh.

Dói porque é bom de fazer doer.

Passa e me puxe com os olhos,

Provocantissimamente.

Mexe-mexe bamboleia
Prá mexer com toda gente
Eh Pagu eh !
Dói porque é bom de fazer doer.
Toda a gente fica olhando
o seu corpinho de vai-e-vem
umbilical e molengo
de não sei-o que-é-que-tem.
Eh Pagu eh !
Dói porque é bom de fazer doer.

Quero porque te quero
Nas formas de bem-querer
Querzinho de ficar junto
Que é bom de fazer doer
Eh Pagu eh!
Dói porque é bom de fazer doer.

Mulher de mil faces, escritora, poetisa, diretora de teatro, teatróloga, tradutora, desenhista, cartunista, jornalista, feminista, sua proposta é uma ruptura com o sistema opressor, a mulher deveria se rebelar de vários grilhões: a educação, o casamento burguês, a repressão sexual, a hipocrisia dos relacionamentos, a alienação política, a exploração do trabalho; militante política, e ainda foi a primeira presa política brasileira. Fumava em público, falava palavrões, usava cabelos curtos, tudo isto com um copo na mão, com suas roupas justas e às vezes transparentes. Se você é da geração de 1940, vai entender o que eu digo: Pagu foi a Leila Diniz de 1969, que perdeu a virgindade aos 16, e falava que "... você deixa de ser virgem quando está na hora...". A Leila nasceu em 45 e foi criada burguesamente. Mas se você não é da década de 40 do século XX, quem raios é essa Leila Diniz? Era e é uma atriz de televisão, de teatro, e de teatro de revistas,

tipo “vaudeville”, e era a imagem da alegria e da liberdade, coisa que só é possível quando o falso moralismo é posto de lado. Era filha de um líder do PCB, foi protagonista da primeira novela da rede Globo, foi feminista sem discurso, sem palavras de ordem, movendo-se mais pelo prazer e pela liberdade. Carlos Drummond de Andrade, assim a definiu: “... sem discurso, nem requerimento soltou as mulheres de vinte anos presas ao tronco de uma especial escravidão...”

Em 1969, no auge da ditadura civil-militar no Brasil, quando a corja da extrema-direita prendia, torturava, assassinava e desaparecia com os corpos, Leila era um suspiro de vida em meio a tantas mortes nos anos de chumbo, e dava uma entrevista ao “Pasquim”, o de número 22, publicado no dia 20 de novembro de 1969. Na entrevista ela dizia 71 palavrões, todos devidamente substituídos por um asterisco*, que os potencializava ainda mais, em plena vigência do AI-5. Defensora dos plenos direitos da mulher, ela declarava que: “... você pode muito bem amar uma pessoa e ir para a cama com outra. Já aconteceu comigo...”. Só que o que aconteceu comigo, estava acontecendo nos anos 60 do século XX, e esta frase é só uma amostra do furacão que causou na época. E ao ser questionada sobre a censura foi direta, ... “De jeito nenhum. Foi o que eu perguntei aos censores, que tipo de preparo tem uma pessoa que vai julgar e censurar uma obra de arte? Eu não teria coragem de ser censor. Se eu fosse julgar teria que ser inteligentíssima, cultíssima, muito humana, não tem sentido nenhum...”. Dois meses depois foi imposto o Decreto 1077, apelidado de “Decreto Leila Diniz”, impondo a censura prévia nos meios de comunicação e nas obras de arte, leia-se literatura, rádio, música, teatro. Ela passa ser perseguida politicamente e profissionalmente. No dia 14 de maio de 1972, em pleno auge de sua carreira como atriz de cinema, morre em um desastre de avião, vinda de um Festival na Austrália, aos 27 anos.

Leila e Pagu são quase irmãs siamesas. Só que Leila morreu prematuramente, e sua face política, não se mostrou de todo.

Voltando à Pagu ela era demais para os anos 20 do século XX, daquela República Velha, aonde mulher não chegava à sala da casa em cidade do interior, se o marido não autorizava. Sexo só para procriar, ainda com a luz apagada, roupas em cima. O máximo de realização pessoal e humana era ser professora, e ainda de criancinhas. Participar, não participou da Semana de Arte Moderna, tinha 12 anos na época, mas aí perdeu sua virgindade. Aos 14 já estava grávida e abortando; mas fez parte do Movimento Antropofágico com Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

A conjuntura na qual Pagu vivera e atuara politicamente demonstrava pelo Censo de 1920 um país com mais ou menos 30 635 605 habitantes, com 13 336 indústrias, com um total de 293 673 operários. Com relação ao capital estrangeiro, a Inglaterra possuía quase duas vezes o capital investido pelos Estados Unidos:

	Capital investido em milhões de US\$	
	1916	1929/1930
ESTADOS UNIDOS	50	557
INGLATERRA	1 180	1 413
Outros Países/ Europa	1 024	1 220.

Entretanto as indústrias brasileiras estavam dispersas geograficamente, produzindo estritamente para mercados locais, e com um baixo nível qualitativo.

No Brasil e a nível global as classes dominantes sentiam-se ainda ameaçadas ainda mais pelas rivalidades imperialistas das grandes potências, disputando áreas de mercado produtor e consumidor. O Brasil começava a viver contradições entre uma velha e uma nova ordem socioeconômica, convivendo com uma nascente camada média localizada dentro do Exército brasileiro, os Tenentes, os intelectuais, os comerciantes e os funcionários públicos. “A demanda era uma maior liberdade política, voto feminino, voto secreto para impedir a corrupção política do “voto de cabresto” e do coronelismo e, o término da” política café com leite”, que beneficiava os setores da burguesia de São Paulo e Minas Gerais, cerceando a participação de camadas burguesas agrárias alijadas do poder, como era o caso do Rio Grande do Sul e do Nordeste do país.

Paralelamente há uma penetração de maiores relações capitalistas na área rural. A mão-de-obra empregada em setores industriais passa a somar na década de 20, a pouco menos da população economicamente ativa. “Se avançarmos um pouco mais e chegarmos ao ano de 1930, o ano da “revolução” que rachou a política do “café com Leite“, sob a pressão de uma nascente camada média localizada como já vimos no bojo do Exército, veríamos um crescimento do produto interno que se distribuía assim: agricultura com 56% e a indústria com 43,1%.

A indústria metalúrgica é responsável por 20% e São Paulo com mais de 50% das indústrias básicas. São Paulo também concentra um maior índice de urbanização

e de imigração. Tudo isto somado traz em seu bojo uma maior estruturação da classe operária e um maior acirramento das contradições de classe.

O Partido Comunista do Brasil é fundado em 1922, na esteira da Revolução Socialista Russa de 1917 e sob a influência das greves lideradas pelos imigrantes e seus descendentes, que ocorreram no país, notadamente em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Para entendermos a atuação política de Pagu, temos que ter conhecimento da política adotada pelo Partido Comunista do Brasil, a partir do III Congresso (1928) atrelado aos resultados do VI Congresso da Internacional Comunista em Moscou.

No ano de 1928, a Internacional Comunista abandona a política de “ frente única ” e adota a política de “ classe contra classe “. A aplicação desta linha no Brasil traduziu-se em uma oposição aberta a todas as posições antagônicas, desde as burguesas até as operárias; em adoção de uma falsa posição “OBREIRISTA”, que obrigou os intelectuais a se afastarem do Partido ou passarem a ocupar posições secundárias, enquanto a Direção era preenchida por pessoas de origem proletária, muitas delas sem o preparo para as funções que ocupavam. Marginalizava-se desta forma a tática da “frente única “, inclusive sacrificando uma aliança com a camada média, leia-se, movimento tenentista. Interpretar-se-á dentro desta linha a “revolução“ de 30 como resultado da ação imperialista no Brasil: os Estados Unidos ajudando Getúlio Vargas, e a Inglaterra, o presidente Washington Luís ! Ou seja, é um dualismo mecanicista que explica a “revolução“ de 30, e a de 32 em São Paulo: uma crise interna significa automaticamente aliança com facções da burguesia imperialista mundial.

Este é o cenário no qual Pagu e Oswald de Andrade (já casados) se inserem quando, em 1930, os dois entram para o Partido Comunista do Brasil, fundando o jornal “O Homem do Povo“, que perdurou por apenas dois meses.

No ano de 1931 a militante Pagu participa ativamente de uma greve de estivadores no porto de Santos.

Durante o choque dos trabalhadores com a polícia, é ela quem recolhe o corpo agonizante do estivador negro, Herculano de Sousa. É presa, como agitadora, tornando-se a primeira presa política da República do Brasil. Será a primeira de uma série de 23 prisões.

“No seu livro, “Pagu, Autobiografia Precoce”, ela descreve o momento da seguinte forma: ”... A silhueta negra, a camisa vermelha. O céu de fogo, o mar de fogo, o negro Herculano encostado na amurada do cais. Quando me estende a mão, foi para me entregar a Fé... As perguntas não eram necessárias. As

respostas surgiam sem elas, todas, na pregação do trabalhador negro... Sim companheiro. Eu lutarei com vocês..."Assisti, nesse dia, a primeira reunião comunista..." (págs. 48/49)

A posição sectária, obreirista e o distanciamento da realidade do Partido Comunista do Brasil mais a ausência de uma democracia interna, agregada à uma disciplina militarizada em um " Partido único " do proletariado, e o reconhecimento da possibilidade de um caminho pacífico para o poder, levam o próprio Partido Comunista a responsabilizá-la como uma "... uma agitadora individual, sensacionalista e inexperiente ...". Ela e Oswald de Andrade passam a "ser mal vistos" pelos próprios militantes do Partido.

Leôncio Basbaum, médico, escritor, ativista político e dirigente do PCB, falecido em 1969, em seu livro "Uma Vida em Seis Tempos (Memórias), 2ª. Ed. Revista, Ed. Alfa Ômega, SP, 1978, pag. 119, assim a descreveu: " ... Um desses elementos, podemos dizer perniciosos, era uma moça (poetisa) chamada Pagu, que vivia, às vezes, com Oswald de Andrade. Ambos haviam ingressado no Partido, mas para eles, principalmente para Oswald, tudo aquilo lhes parecia muito divertido. Ser membro do PC, militar ao lado dos operários autênticos (tipo Miguel), tramar a derrubada da burguesia e a instauração de uma "ditadura do proletariado", era sumamente divertido e emocionante. Nessa Conferência Regional do Rio, um dos membros do grupo de "autodefesa, armado de revólveres, que protegiam a reunião contra curiosos e policiais, era Pagu ..."

"Sobre o "Miguel", citado por Leôncio Basbaum, Daniel Aarão Reis era Luís Carlos Prestes, Um Revolucionário entre Dois Mundos, Cia. das Letras, faz a seguinte observação na página 135: "...Também entre os comunistas as coisas "clarificavam-se", embora a proletarização encontrasse dificuldades imprevistas. Um ferroviário, proletário autêntico, escolhido para substituir Astrojildo Pereira como secretário-geral do Partido não aparecia, pois estava sempre viajando. Em seu lugar, assumiu outro operário, metalúrgico, José Vilar, o Miguel. Gostava de falar errado e andar de forma desleixada, mas essas características "proletárias" não pareciam ajudar os comunistas a se guiarem naquela difícil conjuntura ..."

Quando sai da prisão, Pagu é procurada pelo Partido, que a faz assinar um documento que o eximia de qualquer responsabilidade. Ela permaneceu presa até o ano de 1933. Quando sai da prisão, Pagu é procurada pelo Partido, que a faz assinar um documento que o eximia de qualquer responsabilidade. Libertada, Patrícia publica "Parque Industrial", o primeiro romance proletário escrito no Brasil, com o pseudônimo de Mars Lobo. Logo a seguir viaja como

correspondente dos jornais Correio da Manhã, Diário de Notícias e a A Noite, visitando os Estados Unidos, o Japão e a Mandchúria, na época, um Protetorado do Japão. Lá fez a cobertura da coroação do último Imperador da China, Pu-Yi, deposto em 1912. No navio entrevista Sigmund Freud. Segue para a Europa pelo trem da Transiberiana, e chega a Moscou, depois de um mês de espera da autorização do visto de entrada. Em Moscou, vem a decepção da idealização de uma Revolução Socialista: “...Depois de um mês de náuseas, subi na Transiberiana. O arco da fronteira com a bandeira vermelha descomunal, os primeiros dólmãs do Exército Vermelho. Tudo sorriu na estrela do primeiro “provanique”. Atirei fora a heroína dos dias intragáveis. A esperança escorria de meus olhos, lambendo meu rosto. ... Estava obscena de felicidade. O êxtase era absoluto diante da juventude que corria nas gares. Incrível como alguém pode imbecilizar-se assim, diante de chapas e lenços encarnados. ... Onde estavam minhas dúvidas e o resultado das decepções? Como fora arrebatada pelo ceticismo que amargurara minha militância no Brasil ? ... quilômetros e quilômetros e estou na gare de Moscou... Moscou . Vi coisas feitas e coisas por fazer. Aceitava as empolgantes, desculpava o que não era certo e o retardado. Sentia o paradoxismo do êxtase, que culminou com a minha visita ao túmulo de Lenin.

...Havia chegado ao último grau de excitação. Quando confundi Lênin com John Reed. Depois foi brutal. A emoção foi intolerável. Saí esmagada. Na rua tumultuosa, tive noção do meu fanatismo. Mas gozei-o delirantemente, deixando que as lágrimas escorressem. Todos os meus minutos seriam da causa que me conquistara. Trabalharia, estudaria, faria qualquer coisa. Daria o meu quinhão à revolução proletária. ...Cheguei ao Metropol para jantar com Bóris, um oficial do Exército Vermelho, a quem levava uma carta de recomendação. ... A impressão era exatamente a de estar num suntuoso palácio capitalista, onde os garçons enriquecem com as gorjetas... Bóris tinha ido comprar bombons, que eu queria para o meu filho, e eu o esperava num canto da praça Vermelha do Kremlin... Estava interessada pelos dólmãs brancos (das mulheres que dirigiam o trânsito) e pelo garbo espontâneo de seus movimentos, quando senti que me puxavam o casaco. Era uma garotinha de uns oito ou nove anos em andrajos, percebo que pedia esmola. Que diferença das saudáveis crianças que eu vira na Sibéria e nas ruas de Moscou mesmo. Os pés descalços pareciam mergulhar em qualquer coisa inexistente, porque lhe faltavam pedaços de dedos. Tremia de frio, mas não chorava com seus olhos enormes. ... Fiz o que pude. “Fiz o que pude para acreditar nas justificativas que Bóris me apresentava”. ” São vagabundos que não querem trabalhar e fazem sabotagem à construção do

socialismo.” Mas como?! Crianças vagabundas num país soviético?! “Deixei Moscou no desfile esportivo. O céu era um céu de aviões e lá adiante, na tribuna, no seio da juventude em desfile, o líder supremo da revolução, Stálin, o nosso guia, o nosso chefe...”(Pagu, Autobiografia Precoce, pags 135,136,138 e 139).

Chega em Paris, matricula-se na Université Populaire, iniciando cursos de Economia Política, Materialismo Histórico, Matemática e Eletricidade Teórica e Prática. Trabalha como tradutora e é redatora do L’Avant-Garde; filia-se ao Partido Comunista Francês com identificação falsa (“ Leonnie “). Protesta contra a proibição de se cantar a Internacional nas comemorações de 14 de julho. Luta pela criação de uma Frente Popular, que uniria os partidos de esquerda. É ferida gravemente nas manifestações de rua (passa 3 meses em um hospital), é presa 3 vezes. Participa do Congresso Internacional dos Escritores pela Defesa da Cultura. É presa como militante comunista estrangeira, durante o governo de Albert Lebrun, sendo Ministro das relações Exteriores, Pierre Laval. Laval, tinha sido socialista na juventude e um pacifista durante a Primeira Guerra Mundial, mas à medida que evoluía, passou a se inclinar para o nazismo. Durante a Segunda Guerra Mundial era simpático aos nazistas. Foi Ministro de Relações Exteriores durante os anos de 34 a 36, desenvolvendo uma política de paz com a Alemanha, e procurando aproximar-se da Itália fascista. Em 1940, após a queda do regime de Vichy tornou-se Primeiro Ministro. Posteriormente, foi destituído do cargo e preso, sendo libertado graças à pressão da Alemanha nazista. Em abril de 1942 é nomeado Primeiro Ministro. Cooperou com as forças de ocupação alemã até setembro de 1942. Foi condenado posteriormente à morte por um tribunal francês por “alta traição na ajuda ao inimigo e na violação da segurança do Estado “. Esta é uma síntese da “folha corrida” do Ministro de Relações Exteriores, cidadão Pierre Laval, que colocará diante de Pagu duas opções: ser submetida a um Conselho de Guerra ou ser deportada para a fronteira da Itália ou da Alemanha, sendo entregue à Gestapo. Abre-se uma terceira que era real: é identificada pelo embaixador do Brasil, Souza Dantas, que consegue sua repatriação.

Retorna ao Brasil em 1935, dentro de uma nova conjuntura: a Constituição de 1934 proibia a reeleição do Presidente da República. Vargas, hábil político, permite e incentiva o confronto de duas agremiações conflitantes: a da direita, Ação Integralista Brasileira, liderada por Plínio Salgado, que desenvolveu um fascismo caboclo utilizando uma letra grega, a Sigma, um mimetismo para a suástica nazista, e com uma saudação retirada do Tupi-Guarani, Anauê; a da esquerda, a Aliança Nacional Libertadora, que agrupava os anarquistas,

socialistas e comunistas, tendo Luís Carlos Prestes como seu Presidente de honra. Em apenas dois meses, a ANL consegue mais de 50 mil adeptos, e é fechada pela polícia de Vargas. Prestes, já secretário do Partido Comunista do Brasil, exilado em Moscou, faz uma análise incorreta da situação brasileira, e acredita na possibilidade de uma “ revolução ”. Contando com apoio da Internacional Comunista, e vem para o Brasil para dirigi-la. O levantamento comunista ocorre em 23 de novembro de 1935, em Natal, onde os revoltosos conseguiram ficar no poder 4 dias, criando uma junta governativa. No dia 24, o movimento ocorre em Recife e Olinda e, no Rio de Janeiro, no dia 27 de novembro. A rebelião como um todo foi facilmente sufocada devido às infiltrações, à falta de coordenação e de avaliação da própria realidade. A repressão aos comunistas foi utilizada como pretexto para a decretação de medidas de exceção, passando o país a viver sob Estado de Sítio. Luís Carlos Prestes é preso, assim como sua mulher, Olga Benário Prestes, que posteriormente foi entregue pela polícia política de Vargas à Gestapo. Grávida, foi enviada para um campo de concentração, e morreu em câmara de gás. A filha, Anita Leocádia Prestes, é recuperada do campo de concentração, graças a uma campanha Internacional de solidariedade. Centenas de comunistas são caçados e presos, torturados, assassinados e desaparecidos. Pagu é presa e torturada: “...passavam-se as horas e os dias e as semanas e o sangue escorrendo, os verdugos se revezando para me vencerem ou me enlouquecerem. Descansava no Hospital e voltava para a tortura ...”(“ Pagu, Vida e Obra ”, Augusto dos Campos)

Passam-se 5 anos e, em 1940, Pagu, Patrícia sai da prisão com apenas 44 quilos, com sequelas físicas e psíquicas, com uma forte depressão, e não desejando mais ser chamada de “ Pagu, “Rompe com o Partido Comunista do Brasil, afirmando que a partir daí seria seguidora de “ Leon Trotski “ e tornava-se trotskista.

Retorna ao jornalismo como correspondente da France-Presse no Brasil e chefia a redação do jornal “ Vanguarda Socialista “.

Nas eleições de 1950 candidata-se a Deputada Estadual pelo Partido Socialista, publicando um panfleto, “ verdade e Liberdade”, expondo os motivos que a levaram a romper com o Partido Comunista.

É um texto duro, que denuncia a ausência de liberdade dentro do período stalinista da Internacional Comunista e do próprio Partido comunista, assinalando o Socialismo Democrático como a via possível para a busca da justiça social: “ ... Agora, numa noite de julho de 1940, soltavam-me. Fiquei mais alguns meses além do que condenara o Tribunal de Segurança, eu não prestara

Homenagem ao Interventor Federal em visita à Casa de Detenção, um Adhemar de Barros. Antes daquela noite, há mais de 10 anos, portanto, eu me desligara para sempre daquela gente. Expulsara formalmente de minha vida o Partido Comunista. Ao regressar aquela noite ao albergue paterno não podia me recusar a olhar para trás. Outros dez anos se haviam passado desde a primeira prisão.... Dos vinte aos trinta anos, tinha obedecido às ordens do Partido. Assinara as declarações que me haviam entregue, para assinar num documento no qual se eximia o Partido de toda a responsabilidade. Aquilo tudo, o contrito e o sangue derramado fora obra de uma “ provocadora”, de uma “ agitadora, individual, sensacionalista e inexperiente”. Assinei, de olhos fechados, surda ao desabamento que se processava dentro de mim. Por que não? O Partido tinha razão. De degrau a degrau descí a escada da degradação, porque o Partido precisava de quem não tivesse um escrúpulo, de quem não tivesse personalidade, de quem não discutisse. Reduziram-me ao trapo que partiu um dia para longe, para o Pacífico, para o Japão, para a China, pois o Partido se cansara de mim gato e sapato. Não podia mais me empregar em nada estava “ pintada “ demais, Mas não haviam conseguido destruir a personalidade que transitoriamente submeteram. E o ideal ruiu, na Rússia, diante da infância miserável das sarjetas, os pés descalços e os olhos agudos de fome, em Moscou, um grande hotel de luxo para os altos burocratas, os turistas do comunismo, para os estrangeiros ricos. Na rua, as crianças mortas de fome: era o regime comunista ...”. (Panfleto Verdade e Liberdade, pags. 215/216/ “ Viva Pagu “, Augusto dos Campos)

A militância de Patrícia no Partido Socialista Brasileiro é breve, acabando depois da derrota nas eleições. Contudo, passa a defender um socialismo utópico, pacífico e libertário: “... O fim é a libertação do homem desde as suas bases de pão e de abrigo, de amor e de sonho, de aspiração e de criação, até que se transformem as relações de semelhante a semelhante, e se estabeleça em toda a plenitude a dignidade de uma paz e de uma solidariamente contritamente vividas...” (Viva Pagu, pag 216, Augusto Campos)

Em 1952 matricula-se na Escola de Arte Dramática São Paulo, passando a levar os espetáculos até a cidade de Santos.

Vanguardista como sempre traduz a “Cantora Careca” de Eugéne Ionesco; traduz e dirige “Fando e Liz” de Fernando Arabal, na qual participava um jovem ator e futuro dramaturgo, Plínio Marcos.

No ano de 1960 é acometida de um câncer no pulmão. Vai à França para tratar-se. Sem sucesso, é acometida de uma forte depressão e tenta o suicídio, dando

um tiro na cabeça. É impedida pelo marido, ferindo-se de raspão: “ ... uma bala ficou para trás, entre gazes e lembranças estraçalhadas ...”.

Retorna ao Brasil em 1962, e transforma-se em Pura Energia, aos 52 anos, no dia 12 de dezembro de 1962.

No dia 16 de Janeiro de 1963, Carlos Drummond de Andrade publicou o seguinte texto no Correio da Manhã, Rio de Janeiro:

“ IMAGENS DE PERDA “

“ Patrícia Galvão, musa trágica da Revolução, entre literatos ... O qualificativo parece romântico. Mas se levarmos em conta que essa mulher de grande valor e sensibilidade entrou para o cárcere aos 25 anos de idade e dele saiu aos 30, pagando alto preço pelo crime exclusivo de ter ideias de justiça social quando fascismo e nazismo pareciam na iminência de conquistar o mundo para sempre; se soubermos que viajou à Europa e à Ásia para confrontar a coisa imaginada com a coisa real, e esse confronto não a deixou feliz; que experimentou a condição proletária; e conheceu a impostura dos chefes e a miséria de estrutura do partido da revolução, sentiremos a gravidade do destino de Patrícia, a que não faltou o definitivo desencanto, prêmio rude de quem vive uma ideia-sentimento; sem se reconciliar com a ordem combatida recolheu-se ao “ templo da decepção “, onde a arte e a literatura oferecem consolo ao ser ofendido. Na história do modernismo, seu nome, põe um colorido dramático de insatisfação levada à luta política.”

(De Imagens de Perda – Patrícia, João Dornas Filho, Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16-1-1963)

BIBLIOGRAFIA

1-Pagu, Autobiografia Precoce.

Galvão, Patrícia Rehder.Cia. Das Letras.

2-Pagu, Vida e Obra.

Campos, Augusto.Editora Brasiliense.

3-Formação do PCB.Pereira, Astrogildo.Prelo Editora, Lisboa.

4-O Partidão.

Vinhas, Moisés. Editora Huitec.

5-PCB, Vinte Anos de Política- Documentos.

1958/1979. Livraria Editora Ciências Econômicas.

6-O PCB. – 1922 a 1943.

Carone, Edgar. Editora DIFEL.

7-Luís Carlos Prestes, Um Revolucionário entre Dois Mundos.

Aarão reis, Daniel. Cia das Letras

8-Estratégias da Ilusão.

Pinheiro, Paulo Sérgio. Cia. Das Letras.

9-Leila Diniz

Santos, Joaquim Ferreira dos.

Cia. das Letras.

10-Toda Mulher é Meio Leila Diniz.

Goldenberg, Miriam. / Editora Record.

Aos 30 de Abril / 2021 ; Carlos A. de Freitas.